
Relatar a si, construir dissenso: experiências a partir da produção artística de Camila Arce e Micaela Cyrino¹

Pedro Henrique ANDRADE²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO: Este trabalho pretende investigar as produções de duas artistas latino-americanas tomando como basilar suas experiências enquanto corpos vivendo com o HIV sob transmissibilidade vertical. Tensionando a forma como as artistas constroem relatos de si (BUTLER, 2015) a partir das obras investigadas, inferimos sobre a produção de operações dissensuais concatenadas a um método de igualdade (RANCIÈRE, 2009a, 2009b, 2016) sugerindo que a dimensão política (a partir da leitura do autor supracitado) minimiza processos de estigma e estereotipagem possibilitando um movimento emancipatório.

PALAVRAS-CHAVE: pessoas vivendo com HIV; política; estigma; relatos de si; dissenso.

INTRODUÇÃO:

“Sou uma escrava das minhas palavras, aquelas que me uniram antes de eu nascer” profere Camila Arce em “Memória Vertical”, um poema audiovisualizado em que a multiartista argentina conta sobre sua experiência de ser uma pessoa vivendo com o HIV (PVHIV) na Argentina. Camila utiliza o termo **vertical** (grifo nosso) no título do vídeo, associando-o a um tipo específico de transmissão do vírus do HIV. A transmissão vertical (TV) é aquela que acontece pelo parto, amamentação ou mesmo durante o período gestacional.



¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing; mestre em Ciências da Comunicação e jornalista. E-mail: pedroandradejornalismo@gmail.com | gabriel.pedro@acad.espm.br

Captura de tela de “Memória Vertical” com os dizeres: “*No somos peligrosas, estamos en peligro*”

Não é intenção do nosso trabalho estabelecer marcos temporais ou debater os dados sobre o HIV/AIDS, mas consideramos sugestivo afirmar que Camila, nascida em 1995, faz parte da primeira geração com acesso pleno aos antirretrovirais (ainda que eles já existissem desde a década de 1980, foi em 1996 que a dose foi reduzida para três comprimidos diários e os esforços em relação a diminuição da TV começaram a ser implementados com mais afinco).

Recorramos agora a “A RESPOSTA FLUIU DA MENTE (DIÁLOGOS SOBRE DESOBEDIÊNCIA E CURA)”, um curta-metragem produzido e roteirizado por Micaela Cyrino, multiartista paulistana de 35 anos que também é uma PVHIV a partir de TV. No curta notamos, em uma performance-intervenção pelas ruas paulistanas, Micaela segurando um letreiro bastante iluminado com a frase: “Eu não vou morrer”; ao mesmo tempo, pululam na tela, sobreposições de cenas anteriores como Micaela tomando um banho de rosas brancas e ervas - costumeiramente associado ao banho de energização na Umbanda, religião de Micaela - ou ainda se esfregando veemente com um tecido branco com a palavra “soropositiva” serigrafada.



Captura de tela de “A RESPOSTA FLUIU DA MENTE (DIÁLOGOS SOBRE DESOBEDIÊNCIA E CURA)”

Escolhemos, neste trabalho, investigar as produções artísticas das duas artistas latino-americanas supracitadas. Importa-nos os tensionamentos de gênero, as espacialidades e territorialidades e mesmo a compreensão de suas obras a partir de uma pluralidade de suportes que vão da divulgação de fotografias e montagens nas

infraestruturas maquinais das plataformas de redes sociais digitais à mescla do som e imagem, às performances e a pintura; contudo, a experiência de serem ambos corpos vivendo com o HIV a partir de uma transmissibilidade vertical é o que nos capta e requer maior atenção aqui.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde as bases materialistas de Marx e Engels aos discursos mais contemporâneos das e nas ciências sociais e humanas, há de se considerar que a ideia de *sujeito histórico* é bastante importante. É fato que não podemos nos separar das condições contextuais, sociais e políticas que cercam nossos corpos; somos, portanto, como o senso comum costuma nos lembrar, frutos de nosso tempo - e é evidente que a sociabilidade e construção subjetiva dos corpos que vivenciaram o período espaço-temporal da epidemia do HIV não o experienciaram de forma incólume.

Há algo, entretanto, que deveríamos nos ater e que os discursos com teor de reprodução acrílica não dão conta, ou ao menos, parecem incapazes de compreender: que antes de sermos sujeitos de nosso tempo também somos sujeitos de um tempo que foi, um tempo passado sob o qual não temos possibilidade de capturar e que nos internaliza marcas que também nos constituem. Para Butler: “o *eu* não pode contar a história de seu próprio surgimento [...] sem dar testemunho de um estado de coisas que ele poderia não ter presenciado, que é anterior ao seu próprio surgimento como sujeito cognoscitivo” (BUTLER, 2015, p. 30).

Pensemos por exemplo em Camila e Micaela, que nasceram infectadas pelo vírus do HIV, e mesmo nas experiências coletivas de PVHIV: já há historicamente fixado um sentido produzido sobre esses corpos. Convém-nos compreendê-lo a partir do que Goffman empreende conceitualmente enquanto *estigma* - considerando que as bases genealógicas do pensamento de Butler e Goffman são bastante distintas, mas também sugerindo que seus pensamentos nos ajudam a tecer compreensões profícuas como as buscadas por nosso trabalho; afinal, ambos autores sempre estiveram filiados aos estudos do que consideraríamos transgressor, do não-hegemônico e dos corpos dissidentes.

Relembrando a partir de Foucault (2003) que não há hierarquia entre saberes e discursos, buscaremos a partir das experiências artísticas de Camila Arce e Micaela Cyrino e filiados a diversas leituras, discorrer analiticamente sobre o que consideramos enquanto *relato de si*, supondo que suas produções artísticas criam operações dissensuais

e que elas contribuem nas rupturas e desconstruções de processos de estereotipagem e estigmatização, possibilitando o entendimento de que há espaço para processos emancipatórios na realidade de sujeitos subalternizados e que parece-nos uma armadilha supor que é apenas a partir da denúncia que se constroem dimensões politizadas de existência - embora também consideremos sua importância prática.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Mas o que seria, afinal, relatar a si próprio? Se gramaticalmente, sob as lentes dos gêneros textuais, podemos pressupor que um relato se difere de uma narração porque cumpre necessidades objetivas, segundo a leitura de Butler é imprescindível que um relato de si assuma também uma forma narrativa; por isso ele se encontra em um espaço de construção que é intersubjetiva. A narrativa não “faz parte” do relato de si, é inerente a ele; sendo nas palavras de Butler uma *precondição* para sua existência.

Compreendemos a partir disso que relatar a si tem menos a ver com as ideias que o conceito pode nos sugerir a priori; afinal, se sintaticamente o pronome oblíquo *si* indica uma ação reflexiva sob a qual o sujeito que executa também recebe a - como costumeiramente aprendemos em nossas aulas de língua portuguesa - a suposição primária é a de que pensemos em um processo individual e pessoalizado. Isso não se confirma porque o relato de si para Butler é entendido como um processo social, condicionado a outrem, aquele que escuta, percebe, visualiza e apreende o relato, onde uma experiência interior torna-se social. (BIONDI; MARQUES, 2017).

Podemos sugerir que as experiências artísticas de Camila Arce e Micaela Cyrino – a partir das construções narrativas que permeiam processos e narrativas autobiográficas - podem ser entendida a partir das ideias de operação dissensual pensada e elaborada por Rancière; afinal, nas palavras de Marques e Prado (2018), ela: “questiona uma leitura consensual que constantemente torna tais objetos invisíveis e indisponíveis ao pensamento [...] surge no gesto daqueles que desejam reapropriar-se de uma linguagem antes comum” (MARQUES; PRADO, 2018, p. 19).

Quando Arce e Cyrino deslocam o roteiro programado pelos imaginários estigmatizantes, suspendem um modo de pensar e especialmente de associar o HIV a um tipo de condicionamento. Na mudança e reposição de um espaço referencial sobre o que é, ou pode se tornar visível, as artistas propõem uma espacialidade a qual consideraríamos

ficcional - esta, segundo a leitura Rancièriana não se opõe ao mundo real, como pretensamente pode-se supor; mas sim: “muda os modos de apresentação do sensível e as formas de enunciação” (RANCIÈRE, 2016, p. 64) construindo novas relações entre representação e realidade - como as realizadas a partir dos recursos artísticos de ambas artistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sugerimos inspirados em Bosi mas também a partir de todas as instâncias teóricas trazidas para nosso debate, afirmar que as experiências artísticas de Camila e Micaela, embora com dominâncias discursivas e estéticas, se coadunam, se encontram e se entrelaçam a diversidade dos suportes e materialidades - a partir de um projeto de dissensualidade - construindo um relato de si a partir das existências reais e da introdução ao que compreenderíamos enquanto um princípio de igualdade, como o formulado por Rancière; onde estética e política se associam e não podem mais se separar. Onde, portanto, há um distanciamento dos processos de estereotipagem, estigmatização e da ordem policial (esta última elaborada pelo autor argelino).

Afinal, se as práticas artísticas, para o mesmo Rancière, são “maneiras de fazer que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (RANCIÈRE, 2009, p. 17), supomos que é a partir delas que as artistas conseguem experienciar e fazer emergir seus processos de emancipação; que envolvem, sim, processos de visibilidade mas, antes: um deslocamento para invenção como a que Rancière tanto evoca em seus trabalhos.



À esquerda, performance-intervenção | À direita, colagem

Uma invenção, contudo, que é mais próxima às vivências (e existências para relembrar Foucault) do que imagináramos, mas que, principalmente, contribuem na quebra das hierarquias tão fortemente implementadas por uma cultura inflexível. Fazer

isso relatando a si mesmo parece ser um trunfo; afinal, propor uma *existência soropositiva* como a que faz Micaela ao produzir suas colagens ou assumir de prontidão que não vai morrer, também nos relembra o que nos conta Camila no poema citado logo no início de nosso trabalho: “minha vingança é estar viva, desejando-me saudável, protagonista de uma história que não nos inclui” - afinal, lembramos, inspirados em Rancière, Foucault e Butler que as pessoas são capazes: de relatar a si, de construir dissenso, de se emancipar.

REFERÊNCIAS

BIONDI, Angie; MARQUES, Angela: O RELATO DE SI E A PRODUÇÃO DA FALA POLÍTICA DE VÍTIMAS EM POSTAGENS DE REDES SOCIAIS. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress, Florianópolis, 2017

BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. In: BOSI, Eclea. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. (p. 113 a 126)

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. São Paulo: Autêntica, 2015.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: A vida dos homens infames: estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

GOFFMAN Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 2004

HERBERT, Daniel; PARKER, Richard.: AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas - Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

MARQUES, Ângela C.S.; PRADO, Marco A. M. Diálogos entre Rancière e Foucault: poder e resistência na constituição imaginária do social. In: Diálogos e dissidências: Michel Foucault e Jacques Rancière. Curitiba: Appris editora, 2018

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2009

_____. O espectador emancipado. 1.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. A noite dos proletários. Lisboa: Antígona, 2012

_____. O Desentendimento: política e filosofia. São Paulo; Editora 34, 1996.